

APOSTO: DA PERSPECTIVA NORMATIVISTA À PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

APPOSITION: FROM THE NORMATIVIST TO THE FUNCTIONALIST PERSPECTIVE

Laís Renée Costa Farias¹
Tatiana Schwochow Pimpão²

Resumo: O aposto, na visão de gramáticas normativas e do ponto de vista sintático, é considerado um termo acessório da oração (CEGALLA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007), perspectiva que encontra eco em livros didáticos (TESOTO; DISCINI, 1994; TERRA; CAVALLETE, 2002; SARMENTO, 2009; OLIVEIRA, 2012). Constitui, portanto, um termo que pode ser removido da oração sem prejuízo da estrutura oracional. Sob um ponto de vista funcional-comunicativo, o aposto desempenha importante papel sintático-pragmático, contribuindo para o grau de informatividade no discurso multiproposicional (GIVÓN, 1984; 1995; 2001). O objetivo deste trabalho consiste em investigar o aposto, restritivo e explicativo nos moldes normativos, sob a perspectiva funcional-comunicativa, associado ao grau de informatividade. Para tanto, oferece-se uma abordagem qualitativa de quinze títulos de notícia, retiradas de *site* de jornais *on-line*, acerca do cachorro Wilson, envolvido no resgate das crianças desaparecidas após queda de avião na Colômbia no dia primeiro do mês de maio do ano de 2023. Resultados indicam que os usos do aposto restritivo atestam a previsão normativa, segundo a qual a restrição objetiva especificar um referente anterior, considerado genérico, abrangente, demandando mais codificação linguística. Por sua vez, o aposto explicativo demanda um maior grau de informatividade e, portanto, uma maior codificação linguística, justamente por precisar recuperar informações na memória do potencial leitor.

Palavras-chave: Aposto. Iconicidade. Informatividade. Discurso.

Abstract: From the point of view of normative grammars and from the syntactic point of view, the apposition is considered an accessory term of the sentence (CEGALLA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007), a perspective that finds an echo in textbooks (TESOTO; DISCINI, 1994; TERRA; CAVALLETE, 2002; SARMENTO, 2009; OLIVEIRA, 2012). It is, therefore, a term that can be removed without prejudice to the structure of the sentence. From a functional-communicative point of view, the apposition plays an important syntactic-pragmatic role, contributing to the degree of informativeness in the multipropositional discourse (GIVÓN, 1984; 1995; 2001). The objective of this work is to investigate the apposition, restrictive and explanatory in the normative point of view, from a functional-communicative perspective, associated with the degree of informativeness. To this end, a qualitative approach is offered with fifteen news titles, taken from online newspaper sites, about the dog Wilson, involved in the rescue of children missing after a plane crash in

¹ Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: laisfarias.lc@gmail.com. ORCID iD: 0009-0004-8208-0303

² Docente no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FURG). Contato: tatianapimpao@furg.br. ORCID iD: 0009-0002-3734-925

Colombia on May 1, 2023. Results indicate that the uses of the restrictive appositive attest to the normative prediction, according to which the restriction aims to specify a previous referent, considered generic, demanding more linguistic coding. In turn, the explanatory appositive demands a greater degree of informativeness and, therefore, a greater linguistic coding, precisely because it needs to retrieve information in the memory of the potential reader.

Keywords: Apposition. Iconicity. Informativeness. Discourse.

Introdução

O aposto está elencado, em gramáticas normativas (CEGALLA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007), como um dos termos acessórios da oração. Por termo acessório, compreende-se o termo que desempenha, “na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar um substantivo, exprimir alguma circunstância” (CEGALLA, 2005, p. 363). Considerando o período como escopo de análise da gramática normativa, o aposto assume uma função meramente sintática. Nesse sentido, tendo em vista que nenhum constituinte da oração exige sua presença, o aposto é reconhecido como um termo acessório. Em outras palavras, sua ausência/sua retirada não é sentida do ponto de vista sintático. Essa perspectiva encontra eco em diferentes livros didáticos (TESOTO; DISCINI, 1994; TERRA; CAVALLETE, 2002; SARMENTO, 2009; OLIVEIRA, 2012).

Diferentemente do recorte de gramáticas normativas, o aposto pode ser percebido, dentro de contextos de uso, em gêneros textuais como os textos jornalísticos, em que ele, ou melhor, “(...) as unidades apositivas, além das funções já divulgadas nas gramáticas normativas, apresentam características formais, semânticas e discursivas que contribuem no cumprimento da função sociocomunicativa dos gêneros (...)” (DAMASCENO; SILVA, 2012, p. 60). Tal releitura demonstra a importância do aposto como elemento construtor de sentido para a comunicação da informação no discurso, tornando-se elemento fundamental em contextos discursivos que tenham o objetivo de progredir na referenciação do contexto pretendido.

No presente estudo, investigamos o uso do aposto restritivo e do aposto explicativo em títulos de notícia de jornais *online*. De acordo com Bertoque (2010, p. 74), “o objetivo do jornalista é vender o jornal, e esse exercício, em princípio, não implica “formar cidadãos críticos”, porém apresentar aquilo que aumenta a capacidade de venda do produto”. Assim, para a elaboração do título de uma notícia, estão previstas as seguintes diretrizes no manual da Folha (1992, p. 169): “a) conter verbo, de preferência na voz ativa; b) estar no tempo presente, exceto quando o texto se referir a fatos distantes no futuro ou no passado; c)

empregar siglas com comedimento”. O título é, portanto, o primeiro contato do leitor com o texto, funcionando como orientador da leitura, e a partir dele o leitor decide se lerá ou não a notícia. Para tanto, o título deve ser resumido e convidativo e deve, ainda, oferecer uma leitura global do fato e, na medida do possível, despertar a curiosidade.

Nos títulos analisados neste estudo, o aposto restritivo constitui uma forma de explicitar um referente para o potencial leitor, com o objetivo de identificar o nome do cão, Wilson, como estratégia de um recorte preciso acerca de um cão em particular. Nesses termos, não é apenas um cão, mas um cão específico, denominado Wilson. Diferentemente, o aposto explicativo, por definição, prevê que o referente já é de conhecimento do interlocutor, acrescentando apenas informações adicionais. Nesse sentido, o aposto explicativo poderia exigir menos informação, menos codificação linguística, por pressupor que o referente é dado como único, individuado, não necessitando ser delimitado. Nos títulos de notícias, ocorre, no entanto, o contrário. Nesse contexto de análise, o aposto explicativo mostra-se fundamental como forma de reativar, na memória do leitor, um conteúdo que pode ter ficado embaçado, considerando o dinamismo da mídia digital, que veicula diariamente conteúdos informacionais, sejam acerca de novas notícias, sejam atualizações de notícias passadas. O leitor pode, portanto, facilmente se perder em meio a tantos conteúdos jornalísticos.

Diante desse cenário, apresenta-se uma contradição aparente. Tendo em vista a perspectiva da gramática normativa, o aposto restritivo constitui uma estrutura fundamental para a compreensão de um referente que precisa ser definido, delimitado, especificado. Assim, na consideração dos títulos em análise neste trabalho, não basta o redator destacar ‘o cão’ em uma notícia; torna-se necessário destacar um cão específico no universo da categoria ‘cão’. Nos títulos em análise, o cão que recebe destaque é Wilson, configurando ‘Wilson’ como aposto restritivo. Por sua vez, ainda na perspectiva da gramática normativa, o aposto explicativo pode ser retirado da estrutura oracional, pois somente acrescenta uma informação adicional a um referente já conhecido. Nos fragmentos analisados adiante, o título da notícia é diretamente introduzido pelo nome do cão, Wilson. Como o referente já está individuado, definido, delimitado, o aposto explicativo que segue ao nome do cão poderia ser omitido.

No entanto, se analisarmos os apostos restritivo e explicativo no contexto do título de notícia, constataremos que ambos se mostram vinculados ao grau de informatividade do conteúdo da matéria jornalística. O aposto restritivo acrescenta um importante conteúdo informacional a ‘cão’ na medida em que orienta o leitor a identificar que o cão de que trata a notícia é um específico, denominado Wilson. Igualmente o aposto explicativo revela-se fundamental no contexto de análise. Caso o título de notícia inicie por ‘Wilson’, sem que haja

uma contextualização sobre o nome referido, poderia haver uma lacuna informacional, dificultando a compreensão da notícia. Assim, o propósito comunicativo do aposto explicativo concentra-se em retomar notícias anteriores que trataram do referido cão como forma de reativar conteúdo informacional na mente do leitor, reativando em sua memória uma cena anteriormente veiculada. Nesses termos, mais conteúdo informacional exige mais codificação linguística, conforme prevê o princípio funcionalista da iconicidade, especialmente no subprincípio da quantidade da informação (GIVÓN, 1995; 2001).

A despeito da visão normativa, o uso do aposto, neste trabalho, será explorado na perspectiva do funcionalismo linguístico (GIVÓN, 1984; 1995; 2001). A tríade cognição, comunicação e gramática constitui um dos pilares sobre os quais se assentam os princípios do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, ainda que, a depender do fenômeno linguístico em análise, ora aspectos cognitivos sejam mais atuantes, ora efeitos comunicativos se sobressaíam. O modo como o participante de um ato comunicativo experiencia uma dada situação indicará seu ponto de vista ou o ponto de vista que deseja expor sobre o que é captado, ativado, elaborado, interpretado cognitivamente. A percepção resultante do que é experienciado/percebido será refletida na gramática e direcionada ao interlocutor, que certamente é considerado pelo locutor no processo de perspectivização.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo concentra-se em investigar o aposto, restritivo e explicativo nos moldes normativos, sob a perspectiva funcional-comunicativa, associado ao grau de informatividade.. Assim, este artigo parte da revisão do aposto na perspectiva de gramáticas normativas (CEGALLA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007), livros didáticos (TESOTO; DISCINI, 1994; TERRA; CAVALLETE, 2002; SARMENTO, 2009; OLIVEIRA, 2012), pesquisas linguísticas (FARIAS, 2011; DAMASCENO; ROCHA, 2012; BITTENCOURT; MELLO, 2014; FRANÇA; SILVA, 2015; NAVARAUSCKAS; GUARANHA, 2017) e funcionalismo linguístico (GIVÓN, 1984; 1995; 2001). Seguem-se os procedimentos metodológicos adotados para a coleta dos dados e análise interpretativa dos títulos de notícias.

Revisão do objeto: análise de gramáticas normativas

Para fins deste estudo, foram consultadas as gramáticas de Cegalla (2005) e de Cunha e Cintra (2007). Na gramática de Cegalla (2005), o capítulo intitulado *Termos acessórios da oração* trata, dentre outros termos, do aposto. Em sua concepção, termos acessórios “são os

que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar um substantivo, exprimir alguma circunstância” (CEGALLA, 2005, p. 363). Para o autor, “aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração” (CEGALLA, 2005, p. 365). Seguem exemplos expostos pelo próprio gramático: “D. Pedro II, *imperador do Brasil*, foi um monarca sábio.” e “Nicanor, *ascensorista*, expôs-me seu caso de consciência.” (CEGALLA, 2005, p. 365).

Com isso, pode-se perceber que, mesmo sendo considerado um termo acessório com uma função secundária do ponto de vista sintático, Cegalla (2005) ainda prevê outros valores ao uso do aposto, intuindo um grau de importância ao termo aposto ao descrevê-lo como um termo que explica, esclarece, desenvolve ou resume. Assim como Cegalla (2005), Cunha e Cintra (2007, p. 169) classificam e categorizam o aposto com um termo acessório da oração, como “um termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação”.

Em consonância com Cegalla (2005), Cunha e Cintra (2007) assumem que o aposto desempenha uma função de explicação ou de esclarecimento de outro termo da oração. Mesmo concebendo o aposto como termo acessório, Cegalla (2005) e Cunha e Cintra (2007), em suas caracterizações, consideram-no um termo que explica outro termo da oração. Ainda que a perspectiva da gramática normativa não seja o ato comunicativo, a explicação/o esclarecimento, valores associados ao aposto, parecem sugerir uma certa relevância comunicativa, considerando que a explicação emerge como um desdobramento de uma informação, bem como esclarecimento, que pode apresentar um maior detalhamento acerca de uma informação.

Cunha e Cintra (2007, p. 170) preveem, assim como Cegalla (2005), que entre “o aposto e o termo a que se refere há em geral pausa, marcada na escrita por vírgula” e ressaltam que “pode também não haver pausa entre o aposto e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo aposto”. Segue exemplo dessa ressalva: A cidade *de Lisboa* (grifo do autor). Cunha e Cintra (2007) classificam o aposto de quatro formas: explicativo, especificativo, oracional e enumerativo ou recapitulativo. Para fins deste trabalho, centramos a análise no aposto explicativo e no aposto especificativo, ou, em outros termos, restritivo.

Revisão do objeto: análise em livros didáticos do 8º ano do ensino fundamental

Para essa análise, foram pesquisados quatro livros didáticos (LDs) do 8º ano do ensino fundamental de diferentes anos de publicação e autoria. O intuito da pesquisa é identificar a forma como o termo apostro é abordado pelos LDs na prática da sala de aula. Esses livros didáticos pesquisados variam de ano de publicação entre o período de 1994 e 2012. Isso permite que se veja a variação de abordagem do termo apostro ao longo de quase 30 anos da educação do ensino do português em aulas de língua portuguesa.

Em Tesoto e Discini (1994), o termo apostro aparece na seção de termos acessórios da oração em que são abordados, brevemente, os termos de adjunto adnominal e adverbial e o apostro. Define-se como “o termo que explica o sentido de outro termo da oração” (TESOTO; DISCINI, 1994, p. 190). A vagueza de definição permite que o aluno não tenha mais informações e possíveis situações de uso na produção textual escrita, além do exemplo exposto no livro. Não há nenhuma outra informação sobre que tipo de explicação de sentido tampouco à qual outro termo da oração e que oração está relacionada ao apostro. O questionamento que pode ser feito é sobre como o professor que utilizou esse LD conseguiu lecionar a aula do conteúdo. Ademais, fica a dúvida sobre a efetiva compreensão por parte do aluno que pode associar qualquer explicação a um apostro.

Em Terra e Cavallette (2002, p. 68), por sua vez, o apostro mostra-se um pouco mais bem definido em relação ao LD anterior, pois é definido como “termo da oração que se liga a um nome com a função de explicá-lo, esclarecê-lo, identificá-lo ou discriminá-lo. Entre o apostro e o nome a que ele se refere normalmente, há uma pausa, marcada por sinal de pontuação.”. Percebe-se que há mais informações sobre o termo e destaca-se a função que ele desempenha, com a informação de que entre o apostro e o nome, há também menção de uma marcação de pausa por pontuação, sem uma especificação de que tipo de pontuação. Com isso, o LD acrescenta informações para que os professores de língua portuguesa tenham um pouco mais de conteúdo a ser mais bem desenvolvido com os alunos em sala. No entanto, mesmo com mais informações, o apostro está categorizado como termo acessório e sem uma aplicação situacional para que os alunos consigam identificá-lo dentro de um texto que faça parte ou pelo menos próximo dos gêneros textuais com os quais interagem.

No LD de 2009, concebe-se o apostro como se referindo, “em geral, a um substantivo, a uma palavra de valor substantiva, a uma oração ou a um pronome” (SARMENTO, 2009, p. 206). Segue-se uma observação acerca dos sinais de pontuação que podem acompanhar o apostro: vírgula, dois pontos, travessões e parênteses. Ainda, reforça-se a importância de diferenciar o apostro explicativo, especificativo, recapitulativo e enumerativo, citando

exemplos de cada tipo de aposto supracitado. Essa classificação é encontrada nas gramáticas de Cunha e Cintra (2007); são esses autores que categorizam o aposto em outros tipos para construir, a partir daí, uma relevância na sua função sintática e função semântica. Essa abordagem do termo aposto demonstra como a forma de apresentação e trabalho do conteúdo em sala de aula começa a ganhar outros contornos, podendo contribuir com a formação do aluno.

No que diz respeito ao LD mais recente encontrado na pesquisa, do ano de 2012, o aposto é mencionado na seção ‘reflexão sobre o uso da língua’, ou seja, o livro considera o uso da língua, definindo por aposto o “termo da oração que explica ou resume um termo anterior (...). De modo geral, o aposto vem separado do termo a que se refere por vírgula, dois-pontos.” (OLIVEIRA *et al*, 2012, p. 165). Os encaminhamentos sugerem a consideração dos usos da língua, partindo de dois pequenos trechos de uma poesia, porém o objetivo está ancorado na mera identificação do termo. Os textos são usados apenas como pretexto para a explicação da definição de aposto, não avançando para a relevância comunicativa.

Considerando que os livros didáticos são embasados no que preveem as gramáticas normativas, um dos grandes desafios nas aulas de Língua Portuguesa tem sido o ensino da gramática, que segue sendo alvo de críticas especialmente por ser ensinada desvinculada dos contextos de produção em que emergem os usos efetivos em situações reais de comunicação. De acordo com os livros didáticos consultados, o aposto é apresentado de modo superficial, sob o ponto de vista estritamente sintático e sem vínculo com o contexto de produção de textos reais. Dessa forma, pouca (ou nenhuma) relevância comunicativa é atribuída a uma estrutura linguística, reforçando o distanciamento entre gramática e práticas de linguagem que caracteriza, em muitos casos, o trabalho com a língua portuguesa.

Revisão do objeto: estado da arte

Para contribuir com a análise do constituinte aposto, foram pesquisados artigos que abordassem o aposto por perspectivas linguísticas, envolvendo gêneros textuais, principalmente os de cunho jornalísticos. Nesse gênero, é básico que os jornalistas tenham conhecimento sobre a sua língua e os efeitos de sentido que pretendem construir com a escolha do estilo, do próprio fazer jornalístico, de modo que, na totalidade de sua escrita, comportem a sua cosmovisão dos acontecimentos a serem reportados, sua bagagem cultural, sua vivência e toda a intencionalidade envolvida na produção de um conteúdo escrito que será acessado por um potencial leitor, consumidor do jornal.

Bittencourt e Mello (2014) objetivaram analisar como a humanização do fazer jornalístico pode influenciar na maneira como os leitores receberão e perceberão as suas reportagens sobre assuntos sensíveis. Para tal, os recursos estilísticos, dentre eles o travessão, podem ser acionados para atingir um determinado efeito de sentido na interação do leitor com o conteúdo da reportagem. Dentre os constituintes que podem ocupar a posição intermediada por travessões está o aposto. A defesa da proposta está na direção de uma redação mais humanizada, em que o interlocutor está no horizonte do produtor do texto.

] O travessão não é apenas um elemento gramatical; antes, constitui uma ferramenta estilística que pode transformar a narrativa jornalística. O artigo de Bittencourt e Mello (2014) explora como o travessão, em conjunto com o aposto, pode ser utilizado para criar um jornalismo mais humanizado, engajado e socialmente consciente. O travessão serve como uma ponte que conecta o autor ao leitor, permitindo uma comunicação mais direta e pessoal. Ele age como um convite para o leitor acessar a mente do autor, a partir de insights adicionais ou esclarecimentos que enriquecem o conteúdo jornalístico.

O aposto também pode servir como um reflexo das dinâmicas sociais. O travessão também pode ser usado para criar um ritmo no texto, separando ideias ou frases de forma que o leitor possa parar e refletir. Isso é especialmente eficaz em textos jornalísticos que abordam temas complexos ou sensíveis, em que cada palavra e pausa podem ter um impacto significativo. Além do travessão, conectores discursivos são elementos linguísticos que desempenham um papel crucial na construção de textos coerentes e coesos (FRANÇA; SILVA, 2015). No contexto de construções apositivas, os conectores ‘ou seja’, ‘quer dizer’ e ‘isto é’ assumem funções específicas que vão além da mera ligação de ideias. O artigo de França e Silva (2015) oferece uma análise detalhada desses conectores, destacando sua importância em diferentes contextos discursivos quando relacionados entre orações, valendo-se da estratégia de desgarramento em suas sequências argumentativas.

O conector ‘ou seja’ atua como um clarificador, ajudando a descomplicar termos ou conceitos que podem ser ambíguos ou complexos. Ele serve como uma espécie de tradutor entre o autor e o leitor, tornando o texto mais acessível e fácil de entender. Além disso, ‘ou seja’ pode ser usado para resumir argumentos longos ou complexos, tornando-os mais digeríveis para o leitor. O conector ‘quer dizer’ tem a função de reformular ou reinterpretar uma ideia, oferecendo uma nova perspectiva sobre o que foi dito e permite que o autor apresente uma ideia de forma diferente, facilitando a compreensão e o engajamento do leitor. (FRANÇA; SILVA, 2015)

Por sua vez, ‘isto é’ serve para especificar ou detalhar uma ideia ou conceito, agindo como uma lente de aumento que foca em um aspecto particular. Esse conector é especialmente útil em textos que abordam temas complexos e multifacetados, em que cada detalhe pode ser crucial para a compreensão geral do tópico. É importante notar que esses conectores podem ser usados em conjunto para criar um texto mais rico discursivamente. Por exemplo, ‘ou seja’ pode ser seguido de ‘isto é’ para, primeiramente, esclarecer um ponto e depois especificá-lo, criando uma progressão lógica que guia o leitor através do raciocínio do autor. (FRANÇA; SILVA, 2015).

Assim, podemos dizer que os conectores discursivos ‘ou seja’, ‘quer dizer’, e ‘isto é’ não são apenas meras ferramentas gramaticais; constituem, antes, elementos estratégicos que podem enriquecer o texto e facilitar a comunicação eficaz entre o autor e o leitor. O estudo de França e Silva (2015) nos oferece entendimentos valiosos sobre como esses conectores podem ser empregados de maneira eficaz para melhorar a qualidade e a clareza de diversos tipos de textos.

A aposição ainda ganha destaque no gênero editorial, espaço de discurso que se destina a persuadir e informar, muitas vezes abordando tópicos complexos e polêmicos. O artigo de Damasceno e Rocha (2012) faz uma análise aprofundada das funções textual-discursivas da aposição, destacando seu papel multifacetado. A aposição, nesse contexto, não é apenas um recurso gramatical, mas uma estratégia retórica poderosa. O gênero editorial é uma arena discursiva complexa que serve múltiplos propósitos, desde informar até persuadir. No entanto, é crucial expandir essa análise para entender como a aposição se integra em diferentes estratégias retóricas e contextos discursivos, podendo ser frequentemente empregada como uma tática para reforçar argumentos.

Serve para adicionar informações que corroboram a posição do autor, tornando o argumento mais robusto e convincente. Damasceno e Rocha (2012, p. 45) observam que "a aposição atua como um mecanismo de reforço, ampliando a eficácia do argumento apresentado". Essa função da aposição é crucial para estabelecer a autoridade do autor e para persuadir o leitor a adotar uma determinada perspectiva. Isso é especialmente relevante quando o autor enfrenta um público cético ou quando o tema é controverso. A aposição pode ser vista como uma forma de "dupla confirmação," em que o autor não apenas apresenta um argumento, mas também o reforça imediatamente, aumentando sua credibilidade e eficácia persuasiva.

A aposição também tem a função de esclarecer e explicar termos ou conceitos que podem ser ambíguos ou complexos. Segundo Damasceno e Rocha (2012, p. 67), "a aposição

serve como um instrumento de clarificação, especialmente em discussões que envolvem temas complexos ou polêmicos". Essa função é vital para evitar mal-entendidos e para garantir que o leitor compreenda plenamente a posição do autor. No entanto, essa clarificação não é apenas uma questão de evitar ambiguidade; é também uma estratégia para construir confiança. Ao esclarecer termos e conceitos, o autor demonstra domínio do assunto, o que pode aumentar a confiança do leitor na mensagem geral do editorial.

Além de reforçar argumentos e esclarecer conceitos, a aposição também tem o potencial de engajar o leitor de forma mais profunda. Damasceno e Rocha (2012, p. 89) apontam que "a aposição pode funcionar como um convite para o leitor se aprofundar no tema, fornecendo informações adicionais que enriquecem a discussão". Essa função é especialmente relevante em editoriais que buscam não apenas informar, mas também provocar reflexão e debate.

O engajamento do leitor vai além de simplesmente manter a atenção, trata-se de criar um diálogo imaginado entre o autor e o leitor. Isso pode ser ampliado por incluir como a aposição possa servir para antecipar perguntas ou objeções do leitor, fornecendo respostas antes que elas sejam formuladas, criando assim um fluxo de diálogo mais natural e envolvente. Essas funções da aposição não são mutuamente exclusivas. Um único editorial pode empregar a aposição para reforçar argumentos, esclarecer pontos e engajar o leitor, demonstrando a versatilidade desse recurso. Damasceno e Rocha (2012, p. 102) concluem que "a aposição é uma ferramenta retórica versátil que pode ser adaptada para atender a diversos objetivos discursivos".

O aposto ainda constitui recurso utilizado em revistas. O estudo de Navarouskas e Guaranha (2017) é um marco significativo na análise das marcas discursivas na revista Caras. Esse segmento busca ir além dessa análise, explorando a complexidade da estratégia retórica e do estilo jornalístico da revista. O estilo jornalístico não é apenas uma questão de estética; ele é uma ferramenta poderosa que pode influenciar a percepção do público e moldar a narrativa. O aposto, um elemento gramatical frequentemente subestimado, desempenha um papel crucial na construção da imagem pública. A revista Caras, assim como outras revistas, utiliza essa estratégia para criar uma conexão emocional com o leitor, tornando as histórias mais envolventes e memoráveis.

Em matérias, o aposto frequentemente precede o nome da pessoa a que se refere, servindo como uma espécie de "etiqueta" que fornece informações adicionais sobre o sujeito, essa premissa segue o que preveem as gramáticas. Essa estratégia pode ser vista como uma forma de *branding pessoal*, que permite à revista ajudar a moldar a imagem pública da pessoa

em questão. O aposto pode variar de uma simples descrição, como *o ator*, a algo mais elaborado, como *o vencedor do Oscar*. Essa estratégia não apenas torna a pessoa mais evidente para o leitor, mas também estabelece um contexto que pode influenciar a forma como a história é interpretada.

A revista Caras não utiliza o aposto de forma aleatória; ela o faz de forma a ressoar com seu público-alvo. O aposto pode ser uma forma de validação social, especialmente em uma cultura que valoriza a fama e o *status*. Além disso, essa estratégia pode ser vista como um reflexo da cultura da *personalidade*, em que o que você faz é tão importante quanto quem você é. O aposto pode variar de acordo com o contexto cultural, servindo como um espelho das normas e valores da sociedade.

O aposto não é apenas um detalhe gramatical; ele é uma ferramenta de *storytelling*. Ele pode ser usado para criar suspense ou antecipação, preparando o leitor para o que está por vir na matéria. Por exemplo, o uso do aposto *o controverso político* antes de um nome pode criar uma sensação de tensão, fazendo com que o leitor queira saber mais sobre o que torna essa pessoa controversa. O aposto atua como um marcador de identidade, ajudando a definir quem é a pessoa no contexto da matéria. Isso é especialmente relevante em uma revista como a Caras, em que a identidade de uma pessoa pode ser um fator significativo na atração e retenção da atenção do leitor. O aposto pode ser usado para sinalizar mudanças na identidade ou *status* de uma pessoa, como quando alguém passa de *aspirante a ator* para *astro de Hollywood*. Os autores alertam para o fato de que

[...] o aposto comumente é um termo que é posicionado após aquele a que faz referência, sendo, portanto, um termo secundário. Entretanto, em matérias de cunho jornalístico, o cargo ou função de um indivíduo costuma ser uma informação de maior peso. Antepor o aposto revela a intenção do autor em atribuir maior ênfase à função do referente [...]. (NAVARAUSCKAS; GUARANHA, 2017, p. 407)

O uso do aposto na revista Caras é um método discursivo cuidadosamente orquestrado que serve a múltiplos propósitos. Ele não apenas fornece informações adicionais sobre o sujeito, mas também ajuda a moldar a percepção do leitor e a construir uma narrativa envolvente. Essa análise ampliada serve para complementar o estudo de Navarauseckas e Guaranha (2017), oferecendo uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas no estilo jornalístico da revista Caras. Ao entender essas nuances, podemos apreciar como cada escolha, até mesmo a posição de um termo gramatical como o aposto, pode ter implicações significativas na eficácia da comunicação jornalística e na construção da imagem pública. O estilo e a estratégia discursiva são elementos cruciais que vão além da mera apresentação de fatos; eles são meios para um bom engajamento e persuasão.

Linguística funcional norte-americana

A gramática, para os estudos funcionalistas de vertente norte-americana, é concebida como conjunto de estratégias linguísticas constitutivas do discurso produzido e negociado entre os e pelos participantes de uma situação de comunicação. A gramática conduz o discurso ao mesmo tempo em que por ele é moldada, o que coloca em evidência a ancoragem comunicativa da própria gramática. Nesse sentido, as estratégias linguísticas não podem ser estudadas se desvinculadas da interação, pois o contexto de uso atualiza e motiva a organização da própria estrutura linguística. Toda essa articulação é viabilizada por processos cognitivos, responsáveis, também, por interpretar o que é experienciado e percebido pelos participantes. A gramática reflete, nesse sentido, dispositivos cognitivos e propósitos comunicativos. (GIVÓN, 1984; 2001)

Assentado na tríade gramática, comunicação e cognição, o funcionalismo linguístico de vertente norte-americana pressupõe a ancoragem das estruturas linguísticas no discurso, concebido como produto da interação comunicativa com atuação de, no mínimo, dois participantes, dois indivíduos. Uma estrutura linguística não deve ser interpretada de forma descontextualizada de seu contexto de comunicação, na consideração de que serve a propósitos comunicativos. Nesse sentido, compreende-se a gramática como conjunto de estratégias linguísticas acionadas na negociação entre interlocutores. E essas estratégias linguísticas ainda envolvem uma contraparte cognitiva, revelando, via hipóteses explicativas, a forma como o indivíduo percebe e apreende o mundo que o cerca. (GIVÓN, 1995; 2001)

Em uma versão mais estreita, a teoria prevê uma relação entre estrutura e função. Nesses termos, a uma função comunicativa corresponde uma estrutura linguística, e vice-versa. Essa previsão mais reducionista do princípio da iconicidade pressupõe uma relação biunívoca entre estrutura e função, o que, de forma geral, não ocorre nas línguas naturais. Há estruturas que desempenham mais de uma função, bem como há funções cumpridas por diferentes estruturas. A aposição, como função comunicativa, abrange distintas estruturas linguísticas, conforme apresentado nas seções anteriores: usos de travessão em construções nominais mais extensas (BITTENCOURT; MELLO, 2014); usos de ou seja, quer dizer e isto é (FRANÇA; SILVA, 2015); e os usos do aposto explicativo e restritivo (CEGALLA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007). Ainda, a aposição configura um fenômeno rico e motivado por diferentes fatores, como a ênfase, explorada por (NAVARAUSCKAS; GUARANHA, 2017).

Nesse artigo, segundo apontado, centramos nossa análise nos casos de aposto explicativo e restritivo, nos moldes de gramáticas normativas (CEGALLA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007), porém reinterpretados na perspectiva do uso em contextos reais de

comunicação, como jornais digitais, em que um jornalista, vislumbrando leitores potenciais e prevendo um nível de conhecimento acerca do assunto, organiza a estrutura oracional de um título de notícia. Nesse cenário, desponta um dos subprincípios da iconicidade, a quantidade da informação, segundo o qual quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de estrutura linguística para codificá-la ou quanto maior for o grau de imprevisibilidade, maior será a quantidade de estrutura. A atuação desse subprincípio está delineada adiante, no entanto antecipamos, a seguir, uma breve análise acerca da relação entre informatividade e construções com aposto.

O aposto restritivo tem o objetivo de restringir um universo de possibilidades que envolve um termo anterior, ao qual se refere. Por exemplo, em “Resgate na Colômbia: militares encontram pegadas frescas de cão Wilson” (UOL Notícias), ‘Wilson’ configura um aposto restritivo, por delimitar as possibilidades geradas por ‘cão’, nada especificativo. Mais estrutura linguística é necessária devido à necessidade de mais informação acerca desse cão, de modo a munir o interlocutor (ou leitor) de informações acerca do cão de que trata a notícia. Por outro lado, em casos de aposto explicativo, como em “Conheça Wilson, o cão desaparecido que ajudou na busca das crianças indígenas na selva colombiana” (O Globo), Wilson já desponta como de conhecimento dos leitores, tanto que o título não menciona primeiramente ‘cão’, mas diretamente ‘Wilson’. Após o nome, está a estrutura apositiva, bastante extensa, provavelmente motivada pela percepção do jornalista de resgatar a história envolvendo o cão com o intuito de reativar a memória de seus leitores e encorajar os leitores a terem mais interesse em ler a notícia completa. A reativação de uma cena anterior na memória do potencial leitor exige mais codificação linguística.

Procedimentos metodológicos

Para proceder à investigação de casos de aposto, recortados de situações reais de comunicação, foram coletados quinze (15) títulos de notícia de diferentes jornais digitais acerca da busca pelo cachorro que auxiliou a encontrar os desaparecidos da queda do avião na Colômbia no dia 01/05/2023. No dia 16/06/2023, foi realizada uma pesquisa na ferramenta de busca do *Google* com a entrada “cão Colômbia”. Dentre os *links* apresentados, foram coletados 15 em que aparecem aposto, cada um dos *links* de um jornal digital diferente: BBC, O Globo, Uol Notícias, Rádio Itatiaia, Diário do Nordeste, Folha PE, RepórterMT, GZH, G1, Notícias ao Minuto, Valor Econômico, Correio Braziliense, CNN Brasil, Lorena, Folha.

A decisão pela não centralidade dos casos de aposto vinculados a um único jornal digital ancora-se na pretensão de analisar a estrutura preferida pelos produtores dos títulos de

notícia ao fazerem uso da aposição como recurso linguístico destinado à interlocução com potenciais leitores. A despeito da diversidade de jornais – são 15 jornais diferentes –, os casos de aposto mostram-se regulares, tanto o restritivo quanto o explicativo, indicando haver um princípio de ordem cognitiva norteador dos padrões linguísticos observáveis.

Na seção seguinte, os títulos serão agrupados de acordo com a natureza do aposto – se restritivo ou explicativo – e serão analisados a partir de um contraponto entre gramáticas normativas e livros didáticos, de um lado, e, de outro, gramáticas descritivas, pesquisas em jornais e revista e a perspectiva do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana.

Análise dos títulos de notícia

O aposto restritivo constitui uma forma de restringir o universo de possibilidades de um sintagma nominal já mencionado, ambos se referindo ao mesmo referente. Nos oito títulos a seguir, observa-se que, antes de apontar o nome *Wilson*, há uma referência a cachorro. Após essa menção, o nome *Wilson* é apresentado. Nesse sentido, os substantivos *Wilson* e *cachorro* estão relacionados ao mesmo referente, constituindo duas maneiras de se fazer referência a um mesmo objeto no mundo.

Considerado um termo acessório do ponto de vista das gramáticas normativas, *Wilson*, que, nos contextos em análise, desempenha a função sintática de aposto, poderia ser retirado sem que houvesse prejuízo do período do ponto de vista sintático. Analisemos o primeiro título.

- (1) Resgate na Colômbia: militares encontram pegadas frescas de cão Wilson
(UOL Notícias)

Em (1), identificamos o verbo *encontrar*, cuja transitividade prevê alguém que encontra – militares – e alguém que é encontrado – o cão. São dois os participantes envolvidos na transitividade da oração com o verbo *encontrar* (HOPPER; THOMPSON, 1984). O substantivo ‘cão’, por sua vez, não prevê a existência de um nome para identificá-lo. Dessa forma, a substantivo ‘Wilson’ torna-se um termo dispensável da oração, cuja presença não é exigida por nenhum constituinte do enunciado em análise. No entanto, do ponto de vista comunicativo, o aposto ‘Wilson’ ganha relevância informativa e comunicativa, pois não foi qualquer cão envolvido no trabalho de resgate, porém um chamado ‘Wilson’; não podendo, portanto, ser dispensado do título. Em uma perspectiva comunicativa, o nome do cão restringe que não foi qualquer cão encontrado e informa ao leitor/interlocutor sobre o nome do animal

dando ênfase ao conteúdo abordado no título da notícia e sua importância no acontecimento relatado.

Ainda que gramáticas normativas considerem o aposto restritivo um constituinte acessório do ponto de vista sintático, cuja retirada não causaria prejuízo à estrutura oracional, essa visão não é compartilhada pelo funcionalismo linguístico norte-americano. Para Givón (1984, 1995, 2001), a gramática, concebida como conjunto de estratégias linguísticas acionadas no ato comunicativo, não desvincula sintaxe do contexto pragmático/discursivo. Nesse sentido, estando o aposto restritivo empregado na estrutura oracional, sua presença está diretamente correlacionada com a intenção do jornalista de destacar o nome do cão envolvido na operação de resgate. A gramática, portanto, molda o discurso e o próprio discurso molda a gramática, sendo ambos considerados dois lados da mesma moeda (LYONS, 1977).

As ocorrências a seguir convergem na análise apresentada.

- (2) Coronel fala sobre a última aparição do cachorro Wilson na Amazônia: ‘estava magro’ (Rádio Itatiaia)
- (3) Cachorro Wilson foi visto por militares na Amazônia colombiana, mas se assustou e correu (Diário do Nordeste)
- (4) Especialista em resgate, de talento raro: quem é o cão Rambo Wilson, que achou crianças na selva (Folha PE)
- (5) Equipe ficou 15 metros do cão Wilson, mas não conseguiu resgatá-lo (Correio Braziliense)
- (6) Colômbia: Exército usa cadela no cio para encontrar o cão Wilson (CNN Brasil)
- (7) Pastor belga Wilson foi encontrado duas vezes, mas evita contato com militares (Lorena)
- (8) Colômbia: Cachorro Wilson ainda não foi resgatado (Folha)

Em todas as ocorrências, o nome do ‘cão’ sucede, de forma geral, a palavra ‘cão’/‘cachorro’/‘pastor belga’. ‘Wilson’ ganha destaque como aposto restritivo, considerando que o jornalista julga relevante sua menção para informar o leitor sobre o cão de que trata a notícia. Alinhado ao subprincípio da quantidade da informação: quanto mais informação, mais codificação linguística. Há, nesse sentido, uma correlação paritária entre informação e codificação linguística. Assim, por mais que a nomenclatura gramatical seja mantida nesta análise, a perspectiva de análise amplia-se de modo a inserir a sintaxe no contexto discursivo. E, nesses termos, a retirada de uma estrutura linguística afeta a força comunicativa de um enunciado.

Aposto explicativo

No título (09), ‘Wilson, cachorro que ajudou no resgate de crianças na selva, não quer voltar’ (RepórterMT), caso haja a remoção do aposto ‘cachorro que ajudou no resgate de crianças na selva’, o que resta do período é apenas ‘Wilson não quer voltar’, acarretando uma vagueza na informação da manchete, podendo deixar o leitor com questionamentos a serem respondidos como: Quem é o Wilson?, Por que ele não quer voltar?, Voltar para onde?. Com o aposto explicativo, justamente, exercendo a função de explicar os termos a ele relacionados, traz as respostas que poderiam vir a pairar na mente do interlocutor conferindo a todo o período um efeito de sentido importante tanto para explicação quanto para a qualidade e engajamento da notícia. Conforme afirmam Damasceno e Rocha (2012, p. 67), “a aposição serve como um instrumento de clarificação, especialmente em discussões que envolvem temas complexos ou polêmicos”, de modo que, ao explicar tais referentes, o jornalista produtor da manchete atrai o seu leitor para aquilo que ele quer que seja informado e engajado, sem deixar mal-entendidos e/ou qualquer outra desinformação.

O aposto explicativo mostra-se fundamental para compreensão do cenário desenhado pelo jornalista. Tal aposto, no gênero título de notícia, parece ter o objetivo de acionar o assunto na memória do leitor. Considerando que é preciso recuperar uma notícia já veiculada, o aposto explicativo demanda uma codificação linguística mais extensa, respeitando, como podemos observar, o subprincípio da informatividade. O aposto, portanto, ganha ênfase, da mesma forma como ocorre no estudo de Bittencourt e Mello (2014) e de Navaraseckas e Guaranha (2017). As autoras abordam, em seus respectivos artigos, a ênfase como estratégia de qualidade da escrita e de como um jornalismo socialmente consciente elucida um contexto que possa influenciar a maneira como a notícia será entendida e percebida.

Análise análoga pode ser replicada nas ocorrências a seguir.

- (10) A busca por Wilson, *cão que foi crucial no resgate de crianças na selva na Colômbia* (BBC)
- (11) Conheça Wilson, *o cão desaparecido que ajudou na busca das crianças indígenas na selva colombiana* (O Globo)
- (12) Fêmeas no cio e 70 militares buscam Wilson, *o cão perdido na selva colombiana* (GZH)
- (13) Carnes espalhadas pela mata e cadela no cio: as estratégias do Exército colombiano na busca por Wilson, *o cão desaparecido na Amazônia* (G1)
- (14) Wilson, *o cão que salvou irmãos na selva*, foi localizado. “Está arisco” (Notícias ao Minuto)
- (15) A busca por Wilson, *o cão herói desaparecido na Amazônia colombiana* (Valor Econômico)

Os apostos estão destacados em *itálico* nas ocorrências de (10) a (15). Observando cada uso, ressalta a relevância comunicativa da retomada do feito de Wilson como forma de reativar o assunto na memória do leitor. O jornalista, nesse sentido, precisa reconstruir um cenário com o intuito de acionar um provável conhecimento estocado na memória do leitor. Tal reconstrução demanda muita informação que, por sua vez, implica mais codificação linguística (GIVÓN 195; 2001). Se atentarmos para os títulos, constataremos que, em essência, o conteúdo informacional versa sobre a busca por Wilson e sobre sua localização, conforma atesta o título (14). A título de ilustração, consideremos os títulos (12) e (13). O aposto, destacado em *itálico*, poderia constituir um título jornalístico anterior, como em, respectivamente: *Cão se perde na selva amazônica* e *Cão desaparece na Amazônia*. Nesse sentido, o aposto explicativo, presente em cada um dos títulos, configura um recorte de cena para ativar, na memória do leitor, matérias jornalísticas já publicadas sobre o cão.

Na perspectiva da gramática normativa, o aposto explicativo faz referência a um sintagma nominal anterior dado como conhecido, definido ou determinado. A despeito do nome ‘Wilson’ ser de conhecimento de leitores que acompanharam a notícia à época, o aposto explicativo faz-se necessário nos títulos de notícia, pois é o conteúdo informacional organizado nessa estrutura apositiva que permitirá ao leitor relembrar a origem do próprio nome do cão e relembrar o episódio de seu envolvimento no resgate na Colômbia.

Da perspectiva normativa à perspectiva funcional

A concepção de aposto desenhada nas gramáticas normativas e nos livros didáticos consultados para fins deste estudo é muito genérica, vaga e pouco clara e efetiva para que estudantes possam reconhecer tal função e compreender sua importância em um texto. No entanto, as pesquisas resenhadas, diferentemente do olhar normativo, vislumbram um interlocutor e, dessa forma, o texto a ser construído está a ela direcionado. O estudo de Bittencourt e Mello (2014) detalha como o aposto associado ao uso do travessão permite ao produtor do texto jornalístico expressar opiniões e incorporar a voz de diferentes grupos sociais. De forma semelhante, França e Silva (2014) exploram a funcionalidade comunicativa dos conectores *ou seja*, que atua como uma espécie de tradução; *quer dizer*, que permite reformulações e reinterpretações; *isto é*, que oferece um detalhamento acerca de ideia ou conceito.

Na pesquisa realizada com textos da Revista Caras, Damasceno e Rocha (2012) constataram o uso do aposto como estratégia argumentativa para fins de esclarecimento, explicação, reforço e engajamento do leitor. No trabalho desenvolvido com base em editoriais, Navarousckas e Guaranha (2017) evidenciam o uso do aposto como estratégia de ênfase, marcador do contexto cultural e de identidade. Por sua vez, tendo como teoria explicativa o funcionalismo linguístico (GIVÓN, 1984; 1995; 2001), debruçamo-nos sobre 15 títulos de notícia a fim de encontrarmos um princípio cognitivo que norteasse os usos, o subprincípio da quantidade de informação. O aposto restritivo, com o objetivo de restringir o universo da categoria *cão*, designando-o por *Wilson*, exige menos estrutura linguística. Por sua vez, o aposto explicativo, devido à necessidade de reativar uma informação na memória do leitor, demanda mais estrutura linguística.

Considerações finais

Neste trabalho, realizou-se uma análise do aposto sob as perspectivas gramatical normativa, ancorada em um viés sintático, e funcional-comunicativa. A orientação normativa considera o aposto como um termo acessório da oração, podendo ser removido sem prejuízo na estrutura sintática. Uma orientação assentada na interação comunicativa, reconhece a relevância informacional das escolhas linguísticas operadas e que emergem no discurso. Partindo do viés comunicativo, a análise dos quinze títulos de notícias sobre o cachorro Wilson e seu envolvimento no resgate das crianças após a queda do avião na Colômbia compreende casos com a presença de aposto restritivo e de aposto explicativo em diferentes jornais *on-line*. Os resultados ressaltam a importância de compreender o aposto não apenas como um constituinte sintático isoladamente, porém como um constituinte sintático ancorado no contexto comunicativo, como recurso que contribui com um grau maior de informatividade refletido na extensão da codificação linguística.

Os estudos resenhados apresentaram resultados ricos acerca da aposição em contextos de escrita, em especial a jornalística. A aposição desponta como um domínio funcional enriquecido por diferentes recursos linguísticos, como o uso de travessão no discurso jornalístico (BITTENCOURT; MELLO, 2014), e manifestado em construções, como ‘ou seja’, ‘isto é’ e ‘quer dizer’ em artigo de opinião (FRANÇA; SILVA, 2015). Soma-se a esses trabalhos a investigação do aposto no gênero editorial (DAMASCENO; ROCHA, 2012) e no gênero jornalístico presente na Revista Caras (NAVARAUSCKAS; GUARANHA, 2017). Nesse sentido, a aposição desponta como um domínio funcional, portanto multifacetado e

ancorado em gêneros textuais com propósitos muito específicos. Esse domínio ultrapassa as tipologias normativas, que muitas vezes se resumem a aposto restritivo e aposto explicativo.

Para além da normatividade, o aposto, sob o enfoque funcional-comunicativo, desempenha um papel sintático-pragmático relevante, contribuindo para a construção do grau de informatividade do discurso multiproposicional. O aposto explicativo, respeitando o princípio da iconicidade e, em especial, o subprincípio a quantidade da informação, apresentou, nos títulos analisados, maior quantidade de informação, tendo em vista a maior informação a ser reativada na memória do leitor pelo jornalista. Assim, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de estrutura linguística para codificá-la ou quanto maior for o grau de imprevisibilidade, maior será a quantidade de estrutura. Diante disso, recomenda-se que futuras pesquisas explorem mais a fundo o papel do aposto no gênero jornalístico, a fim de enriquecer as práticas linguísticas e comunicativas tanto no contexto acadêmico quanto profissional.

Referências

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. *A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos*. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BITTENCOURT, Daniela Silva de; MELLO, Vera Helena Dentee de. O uso do travessão como recurso de estilo no discurso jornalístico. *Colóquio*. Taquara/ Rs, v. 11, n. 2, p. 133-144, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 365-366.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora digital, 2007.

DAMASCENO, Gesieny; ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da. As funções textual-discursivas da aposição no gênero editorial. *Percursos Linguísticos*, v. 2, n. 4, p. 59-78, 2012.

FARIAS, Cristina Araújo de. *A multiplicidade do aposto em textos jornalísticos de divulgação científica e em artigos científicos*. UEM, Maringá: 2011.

FRANÇA, Josefa Jacinto de; SILVA, Camilo Rosa. O funcionamento dos conectores discursivos *ou seja*, *quer dizer* e *isto é* em construções apositivas. *Anais Eletrônico do IX SELIMEL*. ISSN 235709765. 2015.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.
NAVARAUSCKAS, Isabel Celeste de Bastos; GUARANHA, Manoel Francisco. O estilo na composição do gênero jornalístico presente na Revista Caras. *Palimpsesto*. v. 16, n. 25, p. 394-413, 2017.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge University Press, 1977.

OLIVEIRA, Tania Amaral et al. *Língua portuguesa*. 8º ano. 3. ed. São Paulo: IBEP, 2012.
SARMENTO, Leila Lauer. *Português: leitura, produção, gramática*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriania. *Português Paratodos*. 8ª série. São Paulo: Scipione, 2002.

TESOTO, Lídio; DISCINI, Norma. *Novo texto e contexto*. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.